

## **Crítica, metacrítica e as transformações no Jornalismo<sup>1</sup>**

Karolina BERGAMO<sup>2</sup>

Luís Mauro Sá MARTINO (orientador)<sup>3</sup>  
Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, SP

### **Resumo**

Este artigo busca estudar a crítica midiática sobre as transformações no jornalismo. A partir do conceito de resposta social da mídia desenvolvido por Braga (2006), buscamos observar o comentário de profissionais da área, tanto acadêmica, quanto jornalística, procurando compreender como se dá a relação da crítica midiática com o mercado jornalístico atual. E para conseguir observar com eficácia essas falas críticas, precisamos também contextualizar as transformações pelas quais o jornalismo vem passando — já que segundo Lopes (2011), não é a primeira vez na história da imprensa que o modelo de negócio passa por mudanças que abalam suas estruturas — e os seus impactos no campo da crítica. Além de levar em conta os locais de fala dos interlocutores, já que, conforme constatou Bourdieu (1989), a posição que o agente ocupa no campo influencia seu ponto de vista diante do objeto de análise.

### **Palavras-chave**

Jornalismo; crítica jornalística; crítica midiática; observatórios de mídia.

### **Introdução**

Em momentos de transformações, como as que o jornalismo vem vivendo quanto à sustentabilidade de seu modelo de negócio, a crítica poderia ser útil se usada como um mecanismo de enfrentamento que visa “reiterar ou rever discursos” (Soares; Silva, 2015, p. 10). Seria uma forma eficaz de refletir sobre os fatos que tencionam os processos e produtos do campo jornalístico. Isto, pois a crítica tem como premissa “desenhar os limites que colocam o objeto em crise, expandindo-o para além de suas relações textuais mais intrínsecas” (Idem), sem deixar de contribuir também para a “desconstrução de discursos cristalizados” (Idem).

Este artigo se propôs, a princípio, a mapear de que maneira o debate sobre as transformações no jornalismo vem sendo feito entre os agentes do campo jornalístico, pois

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Divisão Temática de Jornalismo, da Intercom Júnior – XII Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Estudante de Graduação do 4º ano do Curso de Jornalismo da Faculdade Cásper Líbero, e-mail: karolinabergamo@gmail.com

<sup>3</sup> Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da Faculdade Cásper Líbero, e-mail: lmsmartino@casperlibero.edu.br

conforme constatou Lopes (2011, p. 60), “pensar sobre as instabilidades do jornalismo sob a perspectiva do indivíduo jornalista também é uma estratégia interessante. E unir ambos — a profissão e o jornalista — significa, pois, tratar da identidade profissional desse agente”. Levando esse raciocínio em consideração, selecionamos para compor o objeto de estudo deste artigo 29 falas críticas publicadas entre 21/04/2015 e 12/02/2016 no *Observatório da Imprensa* — experiência de crítica midiática mais bem sucedida até o momento no Brasil (Merkx, 2001) — e que abordam as transformações pelas quais o jornalismo vem passando.

Partimos da premissa que a crítica tem como uma de suas funções principais a vocação ao enfrentamento (Eagleton, 1991). Segundo José Luiz Braga, em seu livro *A sociedade enfrenta sua mídia* (2006), o papel da crítica midiática é:

De trazer à tona tais “objetos” [questões relevantes, vários ângulos de reflexão], desvendá-los, refletir sobre eles – e tornar estas percepções disponíveis a ponto de que a sociedade em geral se torne competente para exercer (variadamente, conforme as preocupações e interesses de cada um) seu esforço de entendimento, reflexão e ação (2006, p. 75).

Podemos então deduzir que, além de ser útil para a manutenção de regimes democráticos e para a democratização dos próprios veículos de comunicação (Christofoletti, 2003) ela também contribui para que os próprios profissionais da área reflitam sobre os processos e produtos que estruturam o campo jornalístico. Segundo Braga (2006, pp. 45-46), um processo de interação com a mídia pode ser considerado crítico quando atender, pelo menos, a um dos requisitos abaixo:

- a) é crítico porque tenciona processos e produtos midiáticos, gerando dinâmicas de mudança;
- b) é crítico porque exerce um trabalho analítico-interpretativo, gerando esclarecimento e percepção ampliada.

O problema é que “não soubemos ainda desenvolver (com suficiente abrangência e penetração) dispositivos sociais centrados em processos crítico-interpretativos capazes de tencionar produtivamente os trabalhos de criação e produção” (Braga, 2006, p. 60). Outro agravante é que apesar de desempenhar um papel tão importante, segundo o autor, a crítica vem sendo sub estudada, se compararmos com a quantidade de produção dedicada a analisar os processos de emissão e recepção da informação midiática. E para “obter avanços nesta direção”, o autor propõe que “é preciso, então, fazer a crítica da crítica” (Idem, 2006, p. 66). Por isso, nos propomos a mapear “como criticam os que criticam” (Soares; Silva, 2015, p. 3) as transformações que vêm ocorrendo no jornalismo, porque procuramos “ver de outra maneira o que está dado como certo” (Small, 2008).

Como já dito, as transformações no jornalismo podem estimular a criação de

ambientes de debate por meio de falas críticas sobre o fazer jornalístico. Mas essas falas podem não estar cumprindo o papel de enfrentamento a que a crítica se propõe. Partindo dessa constatação, o propósito desta metacrítica foi, a princípio, mapear a forma com que as transformações no campo jornalístico são tratadas na crítica de mídia, para estimular a concretização da “finalidade última de qualquer crítica, que deseja, extrapolando o esforço de compreensão, promover alguma ação de transformação do mundo” (Silva; Soares, 2013, p. 835).

No momento da leitura das críticas procuramos respostas para algumas perguntas, como; quais os argumentos de cada crítica sobre o que os autores e autoras chamam de crise no jornalismo?; O que essas falas classificam como “bom jornalismo”? Eliane Tavares em sua crítica “Em busca do jornalismo perdido”, publicada no *Observatório da Imprensa*, por exemplo, classifica o jornalismo a ser buscado como sendo “a análise do dia, a descrição da realidade com impressão de repórter, contexto histórico, narrativa. [...] a produção de textos e vídeos que apresentem criticamente aspectos da realidade, levando o leitor/espectador a pensar sobre os fatos e estabelecer nexos com a vida”. Enquanto que para Gabriel Bocorny Guidotti, em sua crítica “Novos falsos gêneros jornalísticos” publicada no *Observatório da Imprensa*:

O bom jornalismo certifica, separa fatos de boatos. O bom jornalismo não se faz sentado na redação, muito pelo contrário, é na rua onde o mundo está acontecendo. O bom jornalismo é feito por jornalistas! Assim sendo, que a profissão revise seus erros e garanta, como sempre fez, a credibilidade da informação propagada. O público precisa disso.

Buscamos também quais seriam os defeitos do jornalismo, de acordo com as críticas: seria o jornalista, a empresa jornalística ou a prática jornalística? Para Cleyton Carlos Torres, por exemplo, jornalista e mestrando pelo Laboratório de Estudos Avançados em Jornalismo, na Unicamp, e editor do blog sobre comunicação *Mídia8*, em sua crítica “A ‘facebookização’ do jornalismo”, publicada no *Observatório da Imprensa*, o defeito do jornalismo está em sua prática, já que “o jornalismo, como instituição e pilar da democracia, agora se comporta como um usuário de internet, jovem, antenado, mas que não tem como privilégio o foco ou a profundidade”.

Através do estudo das falas, investigamos também quais delas se referem a fatores externos — economia, política e inovações tecnológicas — como agentes transformadores. E quais delas se focam em fatores internos ao próprio jornalismo como responsáveis pela falta de adaptação às novas condições da profissão. Procuramos por alguma autocrítica

entre as críticas analisadas. E se os autores e autoras veem alguma perspectiva de melhora nesse cenário de transformações e se fazem uma contextualização histórica dos fatos que narram. E, por fim, procuramos apontar o que falta nos textos analisados para que cumpram seu papel de crítica. Mas, para garantir a eficácia desse processo, antes é preciso contextualizar o cenário em que se enquadram essas falas, no que diz respeito ao conceito de crise, e ao local de fala dos críticos, já que, pelo que percebemos até aqui, o conteúdo das falas pode ser influenciado por esses fatores.

Esse estudo não pretende (nem poderia) ser uma análise que abrange a totalidade das falas críticas sobre as transformações no jornalismo. E já que “o momento da crise é também o momento no qual as relações sociais de produção que se esperavam universais revelam seu particularismo” (Iasi, 2010, p. 26), nossa hipótese inicial foi de que a crítica poderia, em certa medida, contribuir para jogar luz sobre questões ainda difusas em meio a esse processo de transformações e incitar reflexões que auxiliem os profissionais do campo a lidarem melhor com esse momento de instabilidade.

Pudemos perceber, no entanto, que por diversos fatores, como o posicionamento que o agente ocupa no campo jornalístico, a crítica pode acabar não cumprindo esse papel. Uma análise metacrítica dessa produção pode, então, ser um auxílio para melhorar esse cenário da crítica em tempos de transformações no campo jornalístico e “quicá, produzir e generalizar interpretações que fomentem ações em direção ao alargamento de nossos horizontes” (França, 2015, p. 115).

### **A metacrítica e as transformações no jornalismo**

Para realizar a metacrítica neste trabalho, buscamos uma metodologia que não invalidasse a análise. Baseamo-nos, num primeiro momento, nos paradigmas que orientam os modos de fazer crítica cultural (Silva; Soares, 2013) que podem ser aplicados também às críticas midiáticas. Assim como sugerem Silva e Soares (2013), buscamos nos aproveitar “na crítica aos produtos midiáticos, das conclusões a que chegou Antônio Candido depois de sua longa trajetória em crítica literária”. Em entrevista, Candido (2011) expôs alguns aprendizados que nos podem ser úteis:

Aprendizado 1: reconhecer que a obra é autônoma, mas que foi formada por coisas que vieram de fora dela, por influências da sociedade, da ideologia do tempo, do autor.

Aprendizado 2: o crítico tem que proceder conforme a natureza de cada obra que ele analisa (Candido *apud* Silva; Soares, 2013, p. 834).

Para conseguir observar com eficácia se as falas críticas atendem aos requisitos que acabamos de apresentar, precisamos também observar os locais de fala dos interlocutores, já que, conforme constatou Pierre Bourdieu (1989), a posição do agente no campo influencia no ponto de vista que o mesmo adota diante de seu objeto de análise. Por isso, tivemos como base conceitos elaborados pelo autor, como campo, *habitus* e *illusio*, pois eles nos ajudam a compreender algumas particularidades do cotidiano da profissão.

Pudemos notar que, em alguns casos, a posição do crítico em relação às transformações que vêm ocorrendo no jornalismo é influenciada pelo seu local de fala. Quando se tratava de um profissional que ocupa, ou ocupou por muito tempo, uma posição dominante no campo, sua fala se mostrava mais conservadora em relação ao que se convencionou como “crise” no jornalismo. Alguns, por exemplo, acreditam que o “bom jornalismo” não é (nem será) capaz de se adaptar aos novos meios (principalmente os digitais). Esse posicionamento pode, em alguns casos, ser classificado como conservador quando vindo de um agente que ocupa uma posição dominante dentro da hierarquia do campo. Isso porque, esses agentes têm uma fala que, na maior parte das vezes, visa manter a estrutura vigente de organização de poder dentro do campo. Daí a importância dos conceitos de Pierre Bourdieu para o artigo.

### **Crítica, metacrítica e o campo jornalístico**

Ventura (2015, p. 8) constatou “a existência de uma relação de interdependência entre julgamento crítico e a posição ocupada pelo crítico no campo”. Segundo o autor, os mecanismos usados para realizar a crítica adquirem sentidos particulares na dinâmica própria do campo do jornalismo. Para ele, os casos de crítica não podem ser estudados sem levar em consideração os “modos de organização, circulação e recepção dos bens simbólicos” (Idem, p. 10). O autor sugere, então, que a partir disso surge a necessidade de estudar a relação entre a crítica e o campo do jornalismo.

Segundo Bourdieu (*apud* Ventura, 2015), “há uma relação direta entre a tomada de posição de um agente e a posição por ele ocupada no campo”. Além disso, segundo o autor, “observa-se entre os agentes de difusão uma tendência a conservar e reforçar as hierarquias oriundas do campo da produção” (Idem). Por isso, observar as particularidades do campo jornalístico se torna primordial para entender as particularidades da crítica de mídia. Sobre a ação dos agentes em manter e reforçar estruturas preestabelecidas, Bourdieu escreve:

Sabendo-se a posição que os especialistas da difusão ocupam da estrutura do sistema e que lhes obriga, como vimos, a procurar em favor de sua atividade contestada as cauções mais consagradas pelo recurso ao poder que lhes assegura o controle dos instrumentos de difusão, envolvendo em seu próprio terreno os produtores de bens legítimos, sua ação vai se exercer paradoxalmente no sentido da conservação e do reforço das hierarquias mais conhecidas e reconhecidas (Bourdieu *apud* Ventura, 2015, p. 40).

Para Barros Filho e Martino (2003), “a sequência de situações análogas que caracterizam uma produção [jornalística] diária naturaliza procedimentos que, aprendidos como óbvios, se reproduzem na prática sem questionamentos” (p. 112). Segundo os autores, a repetição dessas situações é um dos fatores que geram o *habitus*<sup>4</sup> profissional. Esse conceito de Bourdieu (1989) ajuda a explicar o porquê de as críticas acabarem se mostrando não tão particulares. Pudemos perceber num primeiro momento, através da observação das críticas, que as falas se dividem em dois grandes grupos que possuem uma unidade na argumentação. E que a classificação de cada depende, principalmente, da posição que o autor ocupa dentro do campo do jornalismo. Segundo Bourdieu (1997), o campo do jornalismo está sujeito às regras do mercado, e o profissional do campo, acaba se posicionando também dentro dessa lógica.

O campo jornalístico está permanentemente sujeito à prova dos veredictos de mercado, através da sanção, direta, da clientela ou, indireta, do índice de audiência (ainda que a ajuda do Estado possa assegurar certa independência com relação às pressões imediatas do mercado). E os jornalistas são sem dúvida tanto mais propensos a adotar o “critério de índice de audiência” na produção (“fazer simples”, “fazer curto” etc.) ou na avaliação dos produtos e mesmo dos produtores (“passa bem na televisão”, “vende bem” etc.) quanto ocupem uma posição mais elevada (diretores de emissora, redatores-chefes etc.) em um órgão mais diretamente dependente do mercado (uma emissora de televisão comercial por oposição a uma emissora cultural etc.), sendo os jornalistas mais jovens e menos estabelecidos mais propensos, ao contrário, a opor os princípios e os valores da “profissão” às exigências, mais realistas ou mais cínicas, de seus “veteranos” (Bourdieu, 1997, p. 106).

Assim como aconteceu na análise de Barros Filho e Martino (2003), as experiências críticas que falam sobre as transformações no jornalismo sugerem uma “unidade estrutural da escolha de argumentos” e do “foco dos ataques” (Idem, p. 113). Isso quer dizer que as falas críticas sobre o atual momento do jornalismo também podem estar vinculadas “a condições específicas de ação do campo jornalístico”. Os autores concluem que “a crítica dos jornalistas ao jornalismo apresenta-se como parte de uma estrutura de campo” (Idem, p. 113). Por isso, é importante identificar qual a posição dos interlocutores no campo jornalístico, já que “em ambos os casos [na prática e na crítica], o fundamento está no procedimento dos elementos em destaque, na transferência de capital simbólico pela

---

<sup>4</sup>Segundo Bourdieu (1998), *habitus* é o princípio gerador de ações, práticas e percepções adquiridas ao longo da trajetória social.

imitação das ações consagradas na esfera prática e na esfera crítica” (Idem, p. 114), o que pode, como já citado, contribuir apenas para reforçar modelos pré-estabelecidos, deixando de lado o papel de agente transformador da crítica. Para Silva e Soares (2013, p. 825) só faz sentido realizar uma crítica de mídia se esta tiver como base a multiplicidade de fatores que compõe o objeto de análise:

Criticar só tem sentido se associado à multiplicidade, à variedade, a um conjunto informal, difuso de pessoas que satisfazem um quesito básico, o de ter estudado, pesquisado, se informado razoavelmente sobre o objeto em questão. Crítica como forma coletiva, aberta, múltipla, admitindo as oposições, as diferenças, as contradições, mas necessariamente especializada.” (Marcondes Filho, 2002, p. 22) “hoje não pode mais se tratar de um *expert*, de uma figura mítica dos *media* com tendências ou aspirações à liderança, à construção de um exército de seguidores, o que, em si, já inviabiliza uma nova crítica” (Marcondes Filho *apud* Silva; Soares, 2013, p. 285).

Os críticos precisam, então, tomar consciência do “arbitrio existente na adoção de uma escolha” (Idem, p. 115) resultado do *habitus* para incidir de forma eficaz no processo de reorganização ao qual o campo jornalístico está sendo submetido. Falamos anteriormente que as críticas analisadas neste trabalho podem ser classificadas em dois grandes grupos opostos, mas que se relacionam entre si. Queremos dizer com isso que são pontos de vista distintos, mas que almejam o mesmo fim: a dominação. Conforme constataram Barros Filho e Martino (2003), esse tensionamento entre discursos opostos resulta num “paradoxo entre a independência crítica do jornalista em relação à própria atividade e sua concomitante adequação aos mesmos mecanismos que critica”. Para os autores, são os dominantes quem perpetuam esse efeito, já que a autoridade do falante acaba sendo maior do que a autoridade do que é falado.

Esse efeito de legitimação é relacionado, todo o tempo, com o discurso dos dominantes do campo jornalístico. Dessa forma, o que está em jogo é muito mais do que a propagação de um modelo de jornalismo. Cada corrente pretende alcançar a dominação tendencial do campo, destituindo os concorrentes de sua razão de ser. Isto é, que seu capital profissional é menor, fálvel, portanto inútil (Barros Filho; Martino, 2003, p. 114).

Para que esse trabalho metacrítico tenha validade dentro dos critérios que definem o papel da crítica midiática em nossa sociedade, é necessário então levar em consideração essas tensões que permeiam o campo e não reproduzir esse tipo de discurso excludente.

Além do mais, segundo França (2015), não é possível efetuar uma boa leitura da realidade sem se distanciar da mesma e alcançar uma exterioridade e sem que o interlocutor tenha uma dimensão do todo que forma o objeto de sua crítica. Para França (2015, p. 112) é primordial que as falas críticas não partam de pressupostos individuais para que atinjam uma emancipação:

Sem uma ideia do todo, e da ordem social que nos congrega enquanto sociedade, como edificar, ou em que apoiar um projeto de emancipação dos indivíduos? Tal projeto não pode se sustentar em críticas e insatisfações pessoais – porque emancipação não é um processo que se vive individualmente, mas é resultado de um projeto de sociedade e de uma dinâmica social coletiva (2015, p. 112).

Por isso, antes de efetivamente partir para a análise das falas críticas sobre as transformações no jornalismo, é importante contextualizar essas transformações e seus impactos no campo da crítica.

### **As transformações no jornalismo e a crítica midiática**

As transformações que vêm atingindo o campo jornalístico, a ponto de seus agentes acreditarem que existe uma “crise” na profissão, também se estendem para o campo da crítica. Esse é um ponto importante a ser levado em conta, já que, se a crítica não tiver uma compreensão adequada dos processos que permeiam as transformações, sua ação fica — ainda mais — restrita. Conforme constatou Tomaz (2009), “diante dos dilemas enfrentados pelo jornalismo nesta fase de novas tecnologias, a própria crítica de mídia precisa conhecer bem o que mudou — o que equivale a entender o significado da interatividade” (Idem, 2009). A falta de visão dos críticos somada à constatação de Braga (2006), já citada anteriormente, de que os dispositivos de crítica midiática desenvolvidos até o momento ainda não têm abrangência e influência significativa, invalidam ainda mais os efeitos de enfrentamento da crítica.

Através da análise metacrítica, objetivo deste trabalho, pudemos notar que a grande maioria das falas críticas sobre as transformações no jornalismo ainda não entende bem como se dão esses processos de mudança e não leva em conta o contexto histórico deles. Carlos Cândido, jornalista e assessor de comunicação do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais, por exemplo, defende em sua crítica “Muitas perguntas, poucas certezas” publicada no Observatório da Imprensa que “o fim do jornalismo [...] parece próximo”.

Ele questiona se “os conteúdos produzidos para estes equipamentos [digitais] são o que chamamos de jornalismo”. Segundo o crítico, o jornalismo está ligado ao objeto que lhe deu nome: o jornal. E, de acordo com ele, a decadência do modelo que tem o jornal como principal agente capaz de “manipular a opinião pública, de criar ou destruir líderes políticos e outras reputações [...] e também de informar, de popularizar a cultura, de servir de lazer inteligente e de vigiar o poder (razão pela qual ganhou o epíteto de ‘quarto poder’)” é também a decadência da própria profissão. O crítico questiona: “por que continuaríamos fazendo jornalismo, se os jornais desaparecem? Por que chamar de jornalismo essa nova



comunicação audiovisual instantânea e interativa que nada ou muito pouco tem a ver com a produção de textos para serem publicados em papel?” Ele arremata dizendo que se considera otimista por enxergar a “decadência do jornalismo”. Nas palavras do autor, “afirmar a decadência do jornalismo, e conseqüentemente dos sindicatos dos jornalistas, não é ser pessimista, ao contrário, é ser otimista, porque é a partir do entendimento da realidade que podemos mudá-la”.

Entretanto, o entendimento da realidade do crítico, parece estar baseado em sua visão do campo. Segundo Bourdieu (1989), isso é um problema, na medida em que o crítico transforma a maneira com que vê o fato em “regra social” e não no fato em si. Poderíamos sugerir que a posição que esse autor ocupa no campo jornalístico, é uma posição dominante, pois em sua fala conseguimos perceber uma profunda resistência às mudanças que vêm ocorrendo. A *illusio* de que o bom jornalismo é apenas o que é feito nos moldes do que o crítico chama de “velha guarda” traz conforto para o mesmo, já que esse é o padrão em que seus capitais simbólicos têm, ou pelo menos sempre tiveram, maior valor. Tendo em vista que o campo jornalístico é caracterizado por disputas constantes pela hegemonia e pelo poder dentro do mesmo, é evidente que mudanças que “desqualifiquem” capitais já consolidados provoquem desconforto. Esse é um exemplo de como a aderência ao campo (1989) pode provocar a perda do distanciamento crítico dos agentes do mesmo.

Segundo Lopes (2011), precisamos levar em conta que, ao mesmo tempo em que inovações tecnológicas podem ser vistas com pessimismo por uns, podem por outro lado ser o motivo do otimismo de outros.

Se de um lado, o anúncio de uma crise em face de mudanças tecnológicas é uma maneira de se lidar com as instabilidades e impactos que elas (tecnologias) provocam, por outro lado, o que é visto como crise por uns, outros aclamam como progresso e transformação criativa, digna de cultivo e celebração. Esse também é um dos jeitos como as pessoas tendem a encarar a tecnologia, com uma espécie de encantamento, aproximando-se quase de uma atitude religiosa frente a elas (Lopes, 2011, p. 65).

É evidente, então, que a própria crítica precisa se adaptar para garantir sua eficácia. E a falta dessa adaptação pode, inclusive, ter efeitos opostos aos do que se espera de uma crítica. A fala de Cândido, por exemplo, pode acabar reforçando ainda mais a *illusio* de que a profissão se encontra em crise. Segundo Eagleton, esse tipo de crítica “contribui, conscientemente ou não, para manter ou reforçar seus pressupostos” (2006, p. 296 *apud* Silva; Soares, 2013). Nesse sentido, é primordial, então, levar esses conceitos em consideração no que diz respeito a análise das falas críticas acerca das transformações no jornalismo.

## Considerações finais

Pelo observado até aqui, as críticas midiáticas acerca das transformações no jornalismo seguem o padrão estruturante do campo jornalístico apontado por Bourdieu (1989). Tínhamos como hipótese inicial a crítica atuando como agente promotor de reflexões capazes de estimular uma evolução do jornalismo que se encontra em processo de transformação. Porém, pudemos perceber que é possível que a crítica não cumpra esse papel, principalmente, porque o entendimento da realidade dos críticos, parece estar baseado em suas visões do campo.

Isso pode ser um problema na medida em que essa crítica não beneficia a reflexão, pois está preocupada em atingir a dominação do campo, e não necessariamente em estimular mudanças e reflexões que auxiliem na elaboração de possíveis caminhos para o jornalismo nessa nova fase de adaptação pela qual passa. Isto é, além de não termos desenvolvidos dispositivos sociais capazes de tensionar o campo jornalístico a ponto de promover alterações nos processos e produtos, como diagnosticou Braga (2006), ao observarmos como estão criticando os que o estão fazendo, pudemos notar, num primeiro momento, que existe ainda outro ponto que torna a atuação das críticas menos eficiente: a fala dos críticos se guia por suas visões de campo. Por se deterem a esses pontos de vista, que visam a dominação, e não a transformação de fato, as falas críticas não concretizam seu papel de enfrentar e tensionar processos.

Ao se prenderem na busca por posições de dominação dentro do campo, os críticos acabam contribuindo para manter e até reforçar pressupostos, como constatou Eagleton (1991). Um dos pressupostos reforçados por parte das críticas, inclusive, se dá em relação à crença de que existe uma “crise” no jornalismo, e que a profissão está morrendo. Quando é bem possível que a profissão seja vinculada à evolução do próprio capitalismo e tenha em seu *modus operandi* o aparecimento de momentos de instabilidade, como o atual.

Uma das indicações de que o desenvolvimento da imprensa está interligado ao desenvolvimento do próprio capitalismo está nas mudanças provocadas no campo em decorrência da adoção da máquina à vapor em 1814 pelo *Times*, na Inglaterra. Essa revolução tecnológica possibilitou a produção em massa e a redução do custo na produção de jornais o que culminou no aumento e na aceleração da circulação dos mesmos (Sodré, 1999). Isso demonstra que o surgimento de novos meios de comunicação acompanha o desenvolvimento do capitalismo. E segundo Nelson Werneck Sodré, em *História da*

*Imprensa no Brasil*, sempre que surge um novo meio “presume-se o desaparecimento dos que então existem. Assim aconteceu com o aparecimento do rádio e, depois, com o aparecimento da televisão”. (Sodré, 1999, p. XIV). O autor conclui, então que “a história da imprensa é a própria história do desenvolvimento da sociedade capitalista” (1999, p. 1).

Essas transformações se repetem ciclicamente ao longo da história da mídia. Nesses momentos, “as certezas outrora bancadas se mostram frágeis e pouco consistentes” (Gadini, 2014, pp. 92-93). Seria, então, natural supor que nessas fases “em que a mídia registra alguma crise de legitimidade [...] a necessidade de manter espaços ou dispositivos de (auto) crítica volte à tona” (Gadini, 2014, p. 92). Um bom exemplo da presença desse tipo de reflexão “(auto) crítica” — e que precede o atual momento de transformações — é de Alberto Dines, jornalista brasileiro que em 1974 publicou o livro *O Papel do Jornal* falando sobre as transformações que a profissão estava passando naquele período.

Segundo as palavras do próprio autor, num prefácio à 9ª edição do livro, a obra foi escrita para ser um “manifesto em defesa do jornalismo impresso e dos compromissos embutidos em sua longa história” (Dines, 2009). Ele critica o “descaso com que alguns empresários e executivos [de mídia] aceitaram, no início dos anos 1970, o enxugamento dos jornais e do jornalismo acionado pela crise do petróleo” (Idem, p. 22). Cerca de quarenta anos depois, o texto de Dines não parece ter se desatualizado (Velo, 2012). O autor reconhece: “Já vi essa história de a mídia impressa querer se suicidar quando descobre que tem um concorrente. Naquele momento o concorrente era a televisão”.

Essa fala do jornalista — responsável pela criação de diversos dispositivos de crítica midiática como o *Jornal dos Jornais* e o *Observatório da Imprensa*, que ainda coordena — se caracteriza como “crítica” na medida em que se enquadra no conceito chave que orienta nosso trabalho; o de sistema social de resposta (Braga, 2006). É por isso, que propomos um maior aprofundamento no estudo das falas críticas acerca das transformações pelas quais o jornalismo está passando. Como já falamos, não é a primeira vez na história da imprensa que o modelo hegemônico adotado pelas grandes corporações midiáticas entra em colapso. Segundo, Moraes (1999, p. 61), “A formação de oligopólios constitui o eixo preponderante do atual modelo organizacional das corporações de mídia e entretenimento”. E parte da precarização do trabalho do jornalista se dá também por causa do modelo de organização empresarial adotado pelas grandes corporações midiáticas (Moraes, 1999). “Efeito colateral da conglomeração e da descentralização da produção em países com mão-de-obra mais

barata, acentua-se dramaticamente a redução do nível de emprego” (Idem, p. 64).

O modelo hegemônico que se encontra em processo de transformações e sobre o qual os autores observados nesse trabalho produzem falas críticas, está baseado, principalmente, na formação de conglomerados de mídia que detém o monopólio da difusão da informação, que com a digitalização dos processos e produtos midiáticos têm suas estruturas abaladas. Como constatou Christofolletti (2003, p. 4), esse monopólio traz, inclusive, impactos negativos para a efetividade da crítica midiática. Segundo o autor, “A concentração em poucas mãos dificulta a entrada de novas empresas, estilos e conteúdos no mercado. Pior: padroniza o noticiário e estandardiza o entretenimento. Poderosos, os controladores são avessos à crítica e à contestação de seus procedimentos”.

Além da existência desses fatores que dificultam a criação de ambientes em que a crítica possa se desenvolver com eficácia, a forma com que se comportam os interlocutores que produzem essas falas, e que fazem parte do campo jornalístico, está relacionada com a forma com que o campo é estruturado e pode acabar também contribuindo para a ineficiência da crítica enquanto agente impulsionador de transformações.

Conforme constatou Goulart (2015), o campo jornalístico é um espaço de tensões ideológicas e econômicas que se vinculam à relação entre o capital e o trabalho. É sugestivo, então, que essas tensões se manifestem também na produção crítico interpretativa desses agentes:

No aspecto econômico, a imprensa é uma instituição empresarial, um negócio, e a informação é tratada como mercadoria, produto da indústria cultural; na esfera da ideologia, destaca-se a dimensão social do jornalismo, embutido de valores profissionais ligados ao compromisso com o interesse público, com a ética e com a credibilidade (Bordieu apud Goulart, 2015, p. 33).

Existe, frequentemente, um conflito entre essas duas esferas (econômica e ideológica). E, partindo da constatação de que “a inviabilidade mercadológica é notória na mídia na internet” (Peschanski; Moraes, 2013), um aprofundamento desse trabalho de análise do discurso crítico, ao qual nos propomos, pode nos ajudar a enxergar com mais clareza as particularidades das transformações pelas quais o modelo de negócio do jornalismo vem passando, e como os profissionais do campo as enxergam.

Numa das falas críticas, por exemplo, a posição do autor é a de que encerrar a circulação de jornais impressos para veiculá-los apenas em sua versão online é, nada menos que, um “erro estratégico”. Referimo-nos à crítica “Uma opção estratégica errada” escrita por Luís Sérgio Santos, professor de Jornalismo na Universidade Federal do Ceará, e

publicada no *Observatório da Imprensa*.

No texto, o autor analisa, com pesar, o encerramento da versão impressa do jornal britânico *The Independent* que, segundo o ele devido a esse fato, “a imprensa inglesa perderá um dos melhores jornais, talvez o melhor”. O autor julga que continuar existindo apenas na versão online não é suficiente para que continue sendo um bom jornal, na verdade, ele nem considera que existir no online é passível de ser chamado de jornal. O autor escreve: “continuo achando que a referência tangível, no negócio jornal, é variável essencial para consolidar a credibilidade. Dizer que o jornal continua web é tergiversação. Na verdade, o jornal, como tradição, acabará na sua última edição impressa”. Segundo o autor, isso se dá devido à infidelidade que os leitores demonstram na internet:

Além de perder prestígio local e em sua área metropolitana (o jornal desaparecerá das bancas onde a sua exposição assegura uma venda simbólica consistente), ele tende a ver aumentar, na internet, a alta volatilidade – ou infidelidade – no tráfego de leitores. A infidelidade, determinada pela ansiedade do usuário da internet, só tende a aumentar agora, também, no caso do *The Independent*.

No entanto, uma mudança como essa pode ser vista com pessimismo e com otimismo ao mesmo tempo por diferentes agentes do campo. Marcelo Rech, diretor executivo de jornalismo do Grupo RBS e presidente do Fórum Mundial de Editores, por exemplo, em sua crítica “O vale tudo das redes sociais” traz outros pontos de vista, bem menos negativos sobre esse assunto. Para o autor, o “bom jornalismo” dos jornais não só pode existir na internet, como é capaz de se perpetuar se souber estrategicamente se adaptar à dinâmica das redes. “Esse novo jornalismo deve fazer das redes sua alavanca para ampliar a relevância, mas não apenas na distribuição de conteúdo”.

E a falta de problematização e a tomada do ponto de vista do autor da primeira crítica como se fosse o fato é que se tornam empecilhos para que a crítica cumpra seu papel de agente transformador. Para Perissé (*apud* Goulart, 2015, p. 93), “estar em crise é ser chamado a fazer escolhas, que vão gerar mudanças e transformações”. Porém, segundo Goulart (2015), “essas modificações pressupõem abrir mão de determinadas certezas e seguranças para dar lugar a novas situações”. Em alguns casos, como no desta crítica, pode haver uma resistência a esse processo, conforme constataram Marx e Engels (1976, p. 78 *apud* Iasi, 2010, p. 26): “paradoxalmente, exatamente quando as ideias dominantes começam a perder seu caráter correspondente na vida real, tendem a continuar se apresentando, cada vez mais, como ‘morais e sagradas’”. Daí a importância de observar as falas dos críticos acerca das transformações no jornalismo.

## Referências

- Barros Filho, Clóvis e Martino, Luis Mauro Sá. **O Habitus na Comunicação**. São Paulo: Paulus, 2003.
- BOURDIEU, P. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- BOURDIEU, P. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.
- BRAGA, José Luiz. **A sociedade enfrenta sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática**. São Paulo: Paulus, 2006.
- BUCCI, Eugenio. **A imprensa e o dever da liberdade**. São Paulo: Contexto, 2008.
- CHRISTOFOLETTI, R. **Dez impasses para uma efetiva crítica da mídia no Brasil**. Anais do 26º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2003, Belo Horizonte.
- DINES, Alberto. **O papel do jornal e a profissão de jornalista**. 9ª ed. São Paulo: Summus, 2009.
- EAGLETON, Terry. **A função da crítica**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- FOUCAULT, M. Qu'est-ce que la critique? Critique et Aufklärung. Bulletin de la Société française de philosophie, v. 82, n. 2, avr/ juin, 1990, p. 38. In: Small, Daniela Avila. O que é, mais uma vez, a crítica? Breve estudo sobre a crítica de teatro. Questões de Crítica — **Revista eletrônica de críticas e estudos teatrais**.
- FRANÇA, Vera Veiga. **Crítica e metacrítica: contribuição e responsabilidade das teorias da comunicação**. MATRIZES. V. 8 - Nº 1 jan./jun. 2014, São Paulo – Brasil.
- GADINI, Sergio Luiz. **A crítica de mídia entre dificuldades, limites e desafios: breves reflexões sobre a função do ombudsman**. Revista Pauta Geral - Estudos em Jornalismo. v. 1, n. 1, 2014.
- GOULART, Karen Pavani. **Trabalho precário: um estudo sobre as condições profissionais no jornalismo**. Monografia (graduação) – Faculdade Cásper Líbero, Curso de Jornalismo. São Paulo, 2015.
- IANONI, Marcus. **Sobre o quarto e o quinto poderes**. Revista Comunicare 3.2 (2005). Disponível em: <http://goo.gl/8VUdoY>.
- IASI, Mauro Luis. **A crise do capital: a era da hipocrisia deliberada**. Praia Vermelha 19.1 (2009). Disponível em: <<http://goo.gl/Zegwg6>>.
- KARAM, F.J. K. **A ética jornalística e o interesse público**. São Paulo, Summus, 2004.
- LOPES, Fernanda Lima. **Jornalismo: uma profissão em crise?** Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v. 1, n. 24, p. 58-72, janeiro/junho 2011.
- MERKX, Ângela da Costa Cruz Loures. **Crítica de mídia à brasileira: o pioneirismo do Observatório de Imprensa**. Revista de Ciências Humanas (Taubaté), Taubaté - SP, v. 7, n.1, p. 13-18, 2001.
- OLIVEIRA, Neil Armstrong Franco de. **O gênero crítica de mídia e suas relações dialógicas no processo de formação do jornalista**. Revista L@el em (Dis-)curso – Volume 3 / 2011.

PESCHANSKI, João Alexandre e Renato Moraes. A comunicação democrática, uma utopia real. **Communicare** (2013). Disponível em: <<https://goo.gl/7xymZw>>.

RÜDIGER, Francisco. Verbete “Crítica” In: MARCONDES FILHO, Ciro. (Org.). **Dicionário da Comunicação**, São Paulo: Paulus, 2009, p. 83.

SILVA, G; SOARES, R. L. Lugares da crítica na cultura midiática. In: XXIV Encontro Anual da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós), 2015, Brasília (DF). **Anais XXIV Compós**. Brasília (DF): Compós, 2015. v. 1. p. 1-15.

SILVA, G; SOARES, R. L. Para pensar a crítica de mídias. **Revista FAMECOS mídia, cultura e tecnologia**. Porto Alegre, v. 20, n. 3, pp. 820-839, setembro/ dezembro 2013.

SMALL, Daniela Avila. O que é, mais uma vez, a crítica? Breve estudo sobre a crítica de teatro. **Questões de Crítica — Revista eletrônica de críticas e estudos teatrais**.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

TOMAZ, Tales. **Interatividade, jornalismo e crítica**: A condição da crítica de mídia na cibercultura. *Acta Científica – Ciências Humanas – 2º Semestre de 2009*, pp 53-64.

VELOSO, Raíssa Benevides. Alberto Dines e uma nova perspectiva de jornalismo. **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**. XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Recife, PE – 14 a 16/06/2012.

VENTURA, Mauro Souza. **A crítica e o campo do jornalismo**: ruptura e continuidade. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

WEBER, Max. **A política como vocação**, em HH Gerth e CW Mills (eds.), *Ensaio de Sociologia*, Zahar, s/d. Disponível em: <<http://goo.gl/miwzSn>>.